

PARA QUE FILOLOGIA/CRÍTICA TEXTUAL?

Manoel Mourivaldo SANTIAGO-ALMEIDA ¹

RESUMO: O objetivo deste texto é dizer sobre filologia/crítica textual, apresentando de modo sucinto: conceito, objeto de estudo, objetivo, funções, tipos de reprodução ou edição, cotejo de cinco testemunhos (edições) de Dom Casmurro – apontando algumas variantes existentes entre eles, lista de alguns termos específicos e/ou relacionados à filologia/crítica textual. E, por fim, as referências bibliográficas – que servem também como sugestões de leitura.²

Conceito, objeto e interdisciplinaridade

Filologia, e por extensão *crítica textual*, não é um termo de pouca idade. Então, não é de se estranhar que leiam-se nele, à primeira vista, dessemelhantes conceitos. Por consequência, assim a prática como a teoria podem embicar por caminhos também diversos. Mas, focando o todo, conceitos, práticas e teorias se tangem.

Segundo o Dicionário Houaiss (Houaiss; Villar, 2001, p.1344), que fornece a datação de algumas acepções, *filologia* é: (I) o "estudo das sociedades e civilizações antigas através de documentos e textos legados por elas, privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos" – século XVI; (II) o "estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos" – século XIX; (III) o "estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, em especial a pesquisa de sua história morfológica e fonológica baseada em documentos escritos e na crítica dos textos redigidos nessas línguas (p.ex., filologia latina, filologia germânica etc.); gramática histórica" – século XX; (IV) o "estudo científico de textos (não obrigatoriamente antigos) e estabelecimento de sua autenticidade através da comparação de manuscritos e edições, utilizando-se de técnicas auxiliares (paleografia, estatística para datação, história literária, econômica etc.), especialmente para a edição de textos"; e (V) a "parte da linguística histórica que trata do estudo comparado das línguas, não só através de sua origem e evolução, como também do confronto com línguas modernas; gramática comparada, linguística comparada. Etimologicamente, do latim: *philologia,ae* 'amor às letras, instrução, erudição, literatura, palavrório'; do grego: *philología,as* 'necessidade de falar, conversação'".

A partir daí, e também conforme Auerbach (s/d), Spina (1977), Azevedo Filho (1987), e Cambraia (2005), dentre outros que também serviram de fontes para este texto, podemos resumir o conceito de filologia em duas direções não, necessariamente, incongruentes.

No sentido mais amplo (*lato sensu*), a filologia se dedica ao estudo da língua em toda a sua plenitude – linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico etc. – no tempo e no espaço, tendo como objeto o texto escrito, literário e não-literário. Nesse patamar incluem-se as acepções I, III e V de Houaiss.

¹ Professor da USP. Vinculado à ABRAFIL, GT Crítica textual-ANPOLL. E-mail: horas@terra.com.br.

² Parte deste texto está alicerçada em: SANTIAGO-ALMEIDA (2009, p. 223-234).

No sentido mais estreito (*stricto sensu*), a filologia se concentra no texto escrito, primordialmente literário, para estabelecê-lo, fixá-lo, restituindo-lhe à sua genuinidade, e prepará-lo para publicação. Nesse outro patamar encontram-se as acepções II e IV de Houaiss. É aqui também que se configura o conceito de *crítica textual, ecdótica* ou *edótica*.

A filologia ou crítica textual tem, portanto, o texto escrito [manuscrito ou tipográfico, antigo ou moderno] como seu objeto. O *corpus* fundamental são os textos literários. O *corpus* secundário é composto pelos textos históricos, jurídicos, religiosos, filosóficos, enfim, pelos textos não literários. É nesse ponto que filologia ou crítica textual faz fronteira com a história e a literatura. A história se baseia primordialmente em textos não-literários, tendo como *corpus* secundário os textos literários – quer dizer: em se tratando da tipologia do objeto de análise, a história e a literatura são inversamente proporcionais; a literatura [escrita], por sua vez, tem no texto literário o seu único objeto.

Além da história e da literatura, outras três disciplinas são próximas à filologia ou crítica textual e auxiliam o trabalho do filólogo ou do editor crítico. Referimo-nos à codicologia (estudo e descrição do livro manuscrito ou códice), à diplomática (estudo dos diplomas, cartas e outros documentos oficiais, para determinar sua autenticidade, integridade e época ou data em que foi feito), e à paleografia (estudo das antigas formas de escrita, incluindo sua datação, decifração, origem, interpretação etc.).

Objetivo e funções

O objetivo da filologia tem variado de acordo com a época, com os autores que com ela lidaram e, ainda, com os lugares em que foi praticada. Daí também se explica seu conceito polissêmico.

Mesmo parecendo complexa, a atividade filológica tem seu campo determinado na medida em que se estabelece o que se pretende com seu objeto de estudo: o texto escrito. É dessa pretensão que se listam as três funções do trabalho filológico: substantiva, adjetiva, e transcendente.

Spina (1977, p. 77) resume assim as três funções da filologia:

I) *Função substantiva*, em que ela se *concentra* no texto para explicá-lo, restituí-lo à sua forma genuína e prepará-lo tecnicamente para publicação;

II) *Função adjetiva*, em que ela *deduz*, do texto, aquilo que não está nele: a determinação de autoria, a biografia do autor, a datação do texto, a sua posição na produção literária do autor e da época, bem como a sua avaliação estética (valorização);

III) *Função transcendente*, em que o texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica, para se transformar num instrumento que permite ao filólogo reconstituir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época. A individualidade ou a presença do texto praticamente desaparece, pois o leitor, abstraído do texto, apenas se compraz no estudo que dele resultou.

É importante observar, na função substantiva do labor filológico, o seu caráter erudito; na função adjetiva, etapas da investigação literária; e na função transcendente, a vocação ensaística do filólogo, em busca da história da cultura.

Na prática, a função substantiva tem a ver com a tarefa da crítica textual (filologia no seu sentido mais estreito), mas podemos estendê-la a todas as acepções dessa disciplina,

considerando que qualquer que seja o objetivo do filólogo, ele terá como base o texto escrito. Daí, toda decisão relacionada ao tipo e aos critérios de reprodução desse texto poderá influir no resultado do estudo almejado.

Tipos de reprodução

Basicamente são cinco os tipos de edição ou reprodução: I) fac-similar; II) diplomática; III) semidiplomática; IV) modernizada; e v) crítica. Essa tipologia e suas respectivas particularidades, no entanto, podem variar entre manuais e autores, dependendo da escola e tradição de cada um.³ A aplicação de um desses tipos de reprodução ou edição depende da finalidade ou intenção de quem edita

Levando em conta o número de testemunhos (edições existentes) do texto a ser reproduzido, podemos dividir esses tipos de edição em dois grupos: a) Se se tratar de texto com apenas um testemunho, os tipos de reprodução aplicáveis são os quatro primeiros. A distinção entre eles está assentada, basicamente, no grau de interferência de quem edita. b) Se se tratar de texto com dois ou mais testemunhos e que possuam variantes ou diferenças entre si, o tipo de reprodução aplicável, tradicionalmente, é a crítica. A essa categoria de texto politemunhal todas as outras edições ou reproduções também podem ser empregadas.

Reprodução crítica

É o tipo de edição – de texto primordialmente literário – que pretende ser considerado o mais próximo do original, ou seja, da última forma que lhe foi dada pelo seu autor. Tem, assim, por finalidade a restituição do texto ou obra à sua forma genuína, dele retirando todas as alterações não autorais que possa ter sofrido no decurso de sua transmissão ao longo do tempo, do autor ao leitor.

Por outras palavras, em se tratando de obra muito antiga, cujo original esteja perdido ou deteriorado, o editor crítico objetiva reconstruí-lo a partir de indícios manuscritos e/ou tipográficos encontrados, compondo, assim, o que se chama de arquetipo.

Além de estabelecer a genuinidade do texto, o editor o torna inteligível, podendo, para isso, interferir na ortografia, pontuação, e fazer notas elucidativas.

Esse é o tipo de edição que mais exige preparo do filólogo. Aliás, há quem considere que apenas o editor crítico tem o mérito de ser considerado filólogo de fato.

Para se fazer uma edição crítica, via de regra, segue-se o método, considerado verdadeiramente sistemático, e científico, criado pelo fundador da moderna crítica textual, o alemão Karl Lachmann (1793-1851).

A descrição desse método não é simples. Reduzindo-a ao essencial, as operações ou fases da edição crítica, de acordo com o método lachmanniano, podem ser resumidas em duas etapas.

A primeira, é a *RECENSÃO*, que consiste no levantamento dos testemunhos existentes. Seguem-se, nesta primeira etapa, as fases da *colação* (confronto dos testemunhos), da *estemática* (composição da genealogia ou da árvore genealógica dos testemunhos – a árvore

³ Sugerimos a leitura de Cambraia (2005), onde encontramos definições, exemplos, comentários e normas de edição sobre esses e outros tipos de reprodução, e de Santiago-Almeida (2009, p. 223-234).

genealógica ou estema representa esquematicamente as relações de conexão e derivação que se estabelecem entre os testemunhos da tradição da obra), e da *eliminação* (rejeição de alguns testemunhos).

A segunda etapa é a *EMENDA*, que consiste na correção dos erros e seleção de variantes existentes nos testemunhos. Com base em todo o estudo realizado da obra e seu autor, o editor também faz emendas por conjectura ou inferência: pontuando, mudando, eliminando, e transpondo palavras, trechos etc., podendo ainda fazer notas elucidativas. Toda conjectura deve ser justificada também em notas. Nessa etapa compõe-se o *aparato crítico* ou *aparato das variantes* (conjunto de todas as notas, incluindo principalmente as referências de variantes presentes na tradição, permitindo ao leitor acompanhar a tentativa de reconstrução do texto genuíno e, ao mesmo tempo, justifica as escolhas feitas pelo editor crítico). Esse aparato é resultado da fase da *colação* (confronto) dos testemunhos, quando são identificadas todas as lições divergentes. Quer de natureza gráfica quer de natureza linguística.

De acordo com o modelo básico, proposto por Spina (1977, p.147), salvas, naturalmente, as divergências, a edição crítica completa deve ser composta de:

<p><i>PREFÁCIO</i> ou <i>INTRODUÇÃO</i>: história dos manuscritos, seu valor e inter-relações; <i>estemática</i>; informações minuciosas sobre os procedimentos da <i>recensão</i> e da <i>emenda</i>; informações sobre a ortografia do autor ou dos manuscritos; excursos sobre a obra, seu significado estético, histórico, literário; normas de edição.</p> <p><i>TEXTO APURADO</i>, seguido do <i>aparato crítico</i>; hermenêutica e exegese do texto (notas e comentários que têm por objetivo esclarecer ou interpretar particularidades do texto, de um trecho do texto, ou de uma palavra).</p> <p><i>GLOSSÁRIO</i></p> <p><i>REPRODUÇÃO DE FAC-SÍMILES</i></p>	
<p><i>ÍNDICES</i></p>	<p>onomástico (de autores e de obras)</p> <p>topográfico (de lugares)</p> <p>de palavras</p> <p>geral</p>
<p><i>BIBLIOGRAFIA</i></p>	

Cotejo de edições e variantes em Dom Casmurro

A linha de pesquisa filológica, como vimos, pode oferecer dois caminhos [congruentes] para a análise do texto escrito – seu objeto de estudo: o caminho largo, que permite o estudo da língua em todos os níveis de análise, do linguístico ao sócio-histórico, ou dos aspectos internos aos externos, no tempo e no espaço; e o caminho estreito, ou caminho da crítica textual, que trata do texto, primordialmente literário (antigo e moderno, manuscrito e tipográfico), com o objetivo de editá-lo na sua forma genuína, o mais próximo possível do original ou da última forma deixada pelo autor.

Uma das tarefas desta segunda vertente é o levantamento das variantes ou diferenças entre os testemunhos colados. Para exemplificarmos, na prática, nesta parte do texto

levantamos algumas variantes de natureza diversa encontradas no cotejo dos seguintes testemunhos de *Dom Casmurro* (Machado de Assis)⁴:

A) *Um agregado* – capítulo de um livro inédito. In: *Republica*. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1896. Trata-se da primeira redação de parágrafos que compõem os capítulos III, IV e V do romance. Esse testemunho foi considerado como subarquetipo (α) pela Comissão Machado de Assis na elaboração da edição crítica;

B) *Dom Casmurro*. 1ª edição. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1899;

C) *Dom Casmurro*. 2ª edição. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1900;

D) *Dom Casmurro*. 5ª edição. Rio de Janeiro/Paris: Livraria Garnier, 1924;

E) *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/Instituto Nacional do Livro, 1977 (Edições críticas de obras de Machado de Assis, v. 12);

F) *Dom Casmurro*. (Estabelecimento do texto e notas de Adriano Gama Kury). Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1992.

Nos excertos abaixo, as variantes estão grifadas em negrito. Em seguida, está o aparato indicando os testemunhos ou edições de cada uma das variantes grifadas.

(Cap. I): **Comprimntou-me/Cumprimntou-me**, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos.

Lê-se **comprimntou-me** em B (1899), C (1900), D (1924) e E (1977), e **cumprimntou-me** em F (1992).

(Cap. II): É o que **vás/vais** entender, lendo.

Lê-se **vás** em B (1899), C (1900), D (1924) e E (1977), e **vais** em F (1992).

(Cap. IV): José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, **servir/serviam** a prolongar as frases.

Lê-se **servir** em B (1899), C (1900), D (1924) e E (1977), e **serviam** em A (1896) e F (1992).

(Cap. V): Outrossim, ria largo, se era preciso, de um grande riso sem vontade, mas comunicativo, a tal ponto as bochechas, os dentes, os olhos, toda a cara, **todo/toda** a pessoa, todo o mundo pareciam rir nele.

Lê-se **todo** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **toda** em E (1977) e F (1992).

(Cap. V): Tinha o dom de se fazer aceito e necessário; dava-se por falta dele, como de pessoa **da/de** família. Quando meu pai morreu, a dor que o punziu foi enorme, disseram-me, não me lembra.

Lê-se **da** em A (1896) e F (1992), e **de** em B (1899), C (1900) e D (1924) e E (1977).

⁴ Algumas dessas variantes, juntamente com notas elucidativas, podem ser encontradas na edição em homenagem ao centenário de morte de Machado de Assis. São Paulo: Editora Globo, 2008. Com fixação de texto e notas deste autor e prefácio de John Gledson.

(Cap. V): Minha mãe ficou-lhe muito grata, e não consentiu que ele deixasse o quarto da chácara; **ao/no** sétimo dia, depois da missa, ele foi despedir-se dela.

Lê-se **ao** em B (1899), C (1900), D (1924) e F (1992), e **no** em E (1977).

(Cap. VIII), no título: **E/É** tempo!/.

Lê-se **E** tempo! em B (1899), **E** tempo. em C (1900) e D (1924), **É** tempo. em E (1977), e **É** tempo! em F (1992).

(Cap. XV): (...) escrevo todas **os/as** noites que é um desespero; negócio de relatório.

Lê-se **os** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **as** em E (1977) e F (1992).

(Cap. XXVI): Levantou a perna e fez uma pirueta. Uma das suas ambições era tornar à Europa, falava dela **muitos/muitas** vezes, sem acabar de tentar minha mãe nem tio Cosme, por mais que louvasse os ares e as belezas...

Lê-se **muitos** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **muitas** em E (1977) e F (1992).

(Cap. XXX): Opas enfiadas, tochas distribuídas e acesas, padre e cibório prontos, o sacristão de hissopo e campainha **nos/nas** mãos, saiu o préstito à rua.

Lê-se **nos** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **nas** em E (1977) e F (1992).

(Cap. XXXVII): Não conhecendo a lição do *Cântico*, não me acudiu estender a mão esquerda por baixo **do/da** cabeça dela; (...).

Lê-se **do** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **da** em E (1977) e F (1992).

(Cap. XXXVII): Ficamos **naquele/naquela** luta, sem estrépito, porque apesar do ataque e da defesa, não perdíamos a cautela necessária para não sermos ouvidos lá de dentro; (...).

Lê-se **naquele** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **naquela** em E (1977) e F (1992).

(Cap. XLII): Capitu despedia-se de **três/duas** amigas que tinham ido visitá-la, Paula e Sancha, companheiras de colégio, aquela de quinze, esta de dezessete anos, a primeira filha de um médico, a segunda de um comerciante de objetos americanos.

Lê-se **três** em B (1899), C (1900), D (1924) e E (1977), e **duas** em F (1992).

(Cap. XLIII): **Todos/Todas** essas belas instituições sociais me envolviam no seu mistério, sem que os olhos de ressaca de Capitu deixassem de crescer para mim, a tal ponto que as fizeram esquecer de todo.

Lê-se **todos** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **todas** em E (1977) e F (1992).

(Cap. LI): Quanto ao selo, Deus, como fez **os/as** mãos limpas, assim fez os lábios limpos, e a malícia está antes na tua cabeça perversa que na daquele casal de adolescentes...

Lê-se **os** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **as** em E (1977) e F (1992).

(Cap. LXV): Assim lho disse, na manhã seguinte, **na/no** quintal dela, recordando as palavras da véspera, (...).

Lê-se **na** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **no** em E (1977) e F (1992).

(Cap. LXVI): Caso tivesse ressentimentos de minha mãe, não era uma razão mais para detestar Capitu, nem ela precisava de razões suplementares. Contudo, a intimidade de Capitu fê-**lo/la** mais aborrecível à minha parenta.

Lê-se fê-**lo** em B (1899), e fê-**la** em C (1900), D (1924), E (1977) e F (1992).

(Cap. LXVII): Na rua, íamos calados, ele não alterando o passo do costume, — a premissa antes da consequência, a consequência antes **do/da** conclusão, (...).

Lê-se **do** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **da** em E (1977) e F (1992).

(Cap. LXXXII): Repeti **esta/estas** palavras, com os simples dedos, apertando os dela.

Lê-se **esta** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **estas** em E (1977) e F (1992).

(Cap. LXXXIV): A casa era uma loja de louça, escassa e pobre; tinha as portas meio **cerrados/cerradas**, e a pessoa que me chamava era um pobre homem grisalho e mal vestido.

Lê-se **cerrados** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **cerradas** em E (1977) e F (1992).

(Cap. XCII): A **muitas/muitos** outros aconteceu a mesma cousa, sem que eu sentisse nada, mas este caso afligiu-me particularmente pela razão já dita.

Lê-se **muitas** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **muitos** em E (1977) e F (1992).

(Cap. XCIV): Mas onde **o/a** perfeição é maior é no emprego do *zero*.

Lê-se **o** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **a** em E (1977) e F (1992).

(Cap. CXXIII): Muitos **homem/homens** choravam também, as mulheres todas.

Lê-se **homem** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **homens** em E (1977) e F (1992).

(Cap. CXXVI): Batiam oito **hora/horas** numa padaria.

Lê-se **hora** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **horas** em E (1977) e F (1992).

(Cap. CXXXII): (...), e eu jurava matá-los a ambos, ora de golpe, ora devagar, para dividir pelo tempo da morte **todas/todos** os minutos da vida embaraçada e agoniada.

Lê-se **todas** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **todos** em E (1977) e F (1992).

(Cap. CXLII): — Quem **lhe/se** importará com datas, filiação, nem nomes, depois que eu acabar?

Lê-se **lhe** em B (1899), C (1900) e D (1924), e **se** em E (1977) e F (1992).

(Cap. CXLVIII), no título: **E/É** bem, e o resto?

Lê-se **E** em B (1899), C (1900), D (1924) e F (1977), e **É** em G (1992).

(Cap. CXLVIII): **É/E** bem, qualquer que seja a solução, uma cousa fica, e é a suma das sumas, (...).

Lê-se **É** em B (1899), C (1900), D (1924) e G (1992), e **E** em F (1977).

(Cap. CXLVIII): **ou/[ø]**⁵ o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me....

Lê-se **ou** em B (1899), C (1900), D (1924) e F (1977), e **[ø]** em G (1992).

(Cap. CXLVIII), no índice: **É/E** bem, e o resto?

Lê-se **É** em B (1899), C (1900), D (1924) e G (1992), e **E** em F (1977).

A maioria dessas variantes são equívocos tipográficos das primeiras edições, mas algumas permanecem em edições recentes, a começar pela própria edição crítica de 1977. A proposta é fazer uma nova edição crítica, começando pela edição diplomática da 2ª edição (1900), última em vida do autor, indicando todas as variantes da tradição do romance.⁶

Glossário de termos

Com base no *Dicionário de Termos Linguísticos* (Associação Portuguesa de Linguística e Instituto de Linguística Teórica e Computacional, Lisboa: Edições Cosmos, 1992), volume 1, listamos alguns dos termos mais frequentes nos estudos filológicos, excluindo os já mencionados, com suas respectivas acepções, no corpo do texto.

⁵ O conjunto vazio indica que houve supressão de **ou**.

⁶ Cf. "Para uma nova edição crítica de Dom Casmurro". In: Caligrama, 15, UFMG (Prelo).

Autógrafo: Texto da mão do autor.

Apógrafo: Cópia de um escrito original; traslado.

Arquétipo: Testemunho que o estema demonstra ser o ascendente, imediato ou não, de todos os outros testemunhos da tradição.

Bifólio: Resultado da dobragem de uma folha em dois fólhos solidários (par conjugado). É a unidade básica de um caderno.

Caderno: Grupo de bifólios ou reunião de várias folhas dobradas. É a unidade básica do códice.

Códice: Livro manuscrito organizado em cadernos solidários entre si por cosedura e encadernação.

Conjectura: Lição reconstruída pelo editor, sem apoio em testemunhos, destinado ao preenchimento de uma lacuna ou à emenda de um erro presente na tradição da obra ou texto.

Copista: Pessoa que executa a transcrição manuscrita de um texto; escriba.

Crítica genética: Crítica textual de textos modernos e contemporâneos (séculos XIX e XX, sobretudo). Procura analisar, classificar e interpretar os espólios, medindo a distância que separa as notas, os esboços, os rascunhos, as redações transitórias (pré-textos) do texto definitivo, publicado ou não pelo autor. O objetivo último é o de traçar o processo de gênese ou criação de um texto.

Edição princeps (príncipe): Primeira edição impressa de um texto ou obra.

Exemplar: Testemunho cujo texto serve de modelo para uma transcrição; testemunho ou exemplar de colação.

Filigrana: Vestígio do molde em que o papel foi fabricado, reconhecível na sua textura quando observável em contraluz. Permite identificar o respectivo fabricante e data aproximada de fabrico; marca de água.

Fólio: Cada uma das duas metades de um bifólio.

Genuíno: Diz-se do texto reproduzido que pretende ser legítimo em relação ao seu original.

Grafema: Unidade mínima do sistema da escrita; letra.

Grafia: Forma assumida pela codificação de uma unidade fonológica, morfológica, lexical e suprasegmental em um sistema de escrita. O conjunto de regras aceitas socialmente para essa codificação tem o nome de ortografia.

Ideógrafo: Manuscrito não autógrafo revisto diretamente pelo autor.

Impresso: Testemunho produzido por instrumento mecânico. É o oposto natural de manuscrito que é produzido por escrita manual.

Incunábulo: Livro impresso na Europa durante o século XV.

Instrumento de escrita: Objeto por meio do qual o copista ou escriba faz inscrição manuscrita no suporte.

Letra caligráfica: Forma de escrita em que não há ligadura ou encadeamento entre os caracteres alfabéticos ou letras: o instrumento de escrita é levantado do suporte entre o desenho de cada letra sucessiva.

Letra cursiva: Forma de escrita em que há ligadura ou encadeamento entre os caracteres alfabéticos ou letras: o instrumento de escrita é poucas vezes afastado do suporte pelo que surgem elementos de ligação entre as sucessivas letras.

Lição: Forma assumida por um texto em um determinado testemunho da sua tradição.

Manuscrito: Testemunho produzido por escrita manual. É o oposto natural de impresso que é produzido por instrumento mecânico.

Original: Texto efetivamente formulado pelo autor.

Pontusal: Vestígio deixado na folha de papel por cada um dos arames, transversais às vergaturas, que, juntamente com estas, formavam o fundo do molde usado na fabricação artesanal de papel. Os pontusais, assim como as vergaturas e a marca de água ou filigrana, são observáveis em contraluz.

Reclame: Palavra ou grupo de palavras ou ainda parte de uma palavra que, no final de uma página, de um fólio, ou de um caderno, duplicam o início do texto da página, do fólio, ou do caderno seguintes. Tem a função de auxiliar a ordenação das páginas, dos fólios, ou dos cadernos.

Recto: Face externa de um fólio; frente; com o livro aberto, corresponde sempre à página da direita, à de número ímpar. É o oposto de verso.

Salto bordão: Erro de cópia que resulta na supressão ou na repetição de um trecho de texto, devido à proximidade relativa, no exemplar, de duas formas parecidas ou idênticas; salto do igual ao igual.

Suporte: Material capaz de receber e conservar a inscrição de um texto.

Testemunho: Forma (manuscrita, impressa, gravada) assumida por um texto em determinado suporte.

Tradição: Totalidade dos testemunhos, manuscritos, ou impressos, conservados, ou desaparecidos, em que um texto ou obra se materializou ao longo da sua transmissão.

Transcrição: Produção de um novo testemunho de um texto, utilizando um sistema de escrita quer idêntico quer equivalente ao do exemplar.

Transmissão: Processo de reprodução sucessiva de um texto ou obra, cujo resultado é a tradição.

Usus scribendi (modo de escrever): Estilo literário do autor. O seu conhecimento por parte do editor permite menor margem de erro nas conjecturas.

Variante: Lugar do texto em que ocorre divergência entre dois ou mais testemunhos.

Vergatura: Vestígio deixado na folha de papel por cada um dos arames finos e muito unidos que formavam, juntamente com os pontusais, o fundo do molde usado na fabricação artesanal de papel. As vergaturas, assim como os pontusais e a marca de água ou filigrana, são observáveis em contraluz e consistem em linhas paralelas e horizontais.

Versão: Reformulação de uma redação definitiva pelo respectivo autor. Cada versão corresponde, assim, a um diferente original.

Verso: Face interna de um fólio; com o livro aberto, corresponde sempre à página da esquerda, à de número par. É o oposto de recto.

Vulgata: Versão de um texto mais comumente difundida ou aceita como autêntica.

Referências bibliográficas e sugestões de leitura

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: UFBA/FJN/Massangana, 1994.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, s/d.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro / São Paulo: Presença / Edusp, 1987.

BLECUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madrid: Ed. Castalia, 1983 [reimpressão: 1990].

- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Humanitas, 2005.
- CASTRO, Ivo. *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1990.
- COSTA, Pe. Avelino Jesus da. *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*. 3ª ed. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1993.
- DUARTE, Luiz Fagundes. *A fábrica dos textos: ensaios de crítica textual acerca de Eça de Queiroz*. Lisboa: Cosmos, 1993.
- FERREIRO, Manuel et alii. *Normas de edición para a poesia trabadoresca galego-portuguesa medieval*. A Coruña: Universidade da Coruña, 2007.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 2 ed. São Paulo: Unesp/AESP, 1991.
- HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola, 2003.
- HOUAISS, Antonio. *Elementos de Bibliologia*. RJ: MEC/INL, 1967.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LÉON, Jacqueline. A linguística de *corpus*: história, problemas, legitimidade. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, nº 8. SP: Humanitas, 2006, p. 51-81.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Paris: Garnier, 1899; 1900; 1924.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Edição Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / Instituto Nacional do Livro, 1977.
- MEGALE, Heitor. *A Demanda do Santo Graal: das origens ao códice português*. Cotia: Ateliê, Fapesp, 2001.
- MEGALE, Heitor. Pesquisa filológica: os trabalhos da tradição e os novos trabalhos em língua portuguesa. In: *Estudos Linguísticos – GEL*, nº 27, SJRP: IBILCE/Unesp, 1998, p. 3-28.
- MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida (orgs.). *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII*. Cotia: Ateliê, 2006.
- MENDES Ubirajara. Evolução das escritas: tipos caligráficos. In: *Boletim do Departamento do Arquivo*, v. 10, fev., São Paulo, 1953.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para uma nova edição crítica de Dom Casmurro. *Caligrama*, Belo Horizonte, vol. 15 (Prelo), 2010.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Os manuscritos e impressos antigos: a via filológica. In: Gil et alii. *Modelos de análise linguística*. São Paulo: Contexto, 2009. Págs. 223-234.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida; MEGALE, Heitor. *Âncora medicinal para conservar a vida com saúde*. Cotia: Ateliê, 2004.
- SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix / Edusp, 1977.
- VALENTE, José Augusto Vaz. *Álbum de paleografia portuguesa*. São Paulo: Edusp, 1983.
- VASCONCELOS, José Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. 2 ed. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926.